



PROFESSORES E SEUS ARTESANATOS: APRENDENDO A TRANSFORMAR GEOGRAFIA EM JOGOS LÚDICOS

Ayrian Hugo Dos Santos Thédiga

ayrianthediga@gmail.com¹

Resumo

O texto se caracteriza como um relato de experiência e tem como objetivo apresentar duas atividades que foram realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID (2018/2019) subárea geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com turmas do sétimo ano, de uma escola pública localizada em uma comunidade pesqueira do sul da Ilha de Santa Catarina. Para tanto, desenvolvemos uma proposta de jogos geográficos junto ao sétimo ano e o projeto GeoCurtas com turma contemplando todos os processos, desafios e experiências compartilhadas que enalteceram de grande valia o resultado. Utilizando o pensamento de Jorge Larrosa como base para a reflexão, percebemos nas atividades realizadas com o PIBID, tendo propósito de instigar, despertar e criar oportunidade relacionando jogos com a geografia, uma dinâmica que dá oportunidade e instiga outras formas de aprender. O ofício de professor, da possibilidade de se perceber como professor, se tornar e se fazer professor, é modo artesão de modelar as formas de ensinar, nutrir-se de conhecimento e inspira-se uns aos outros o sentido de aprender. Por fim, as aulas evidenciaram o potencial de transformar formato da aula, desfrutando em uma nova forma e descontraída de aprender conteúdos de geografia adaptados por docentes que estão expostos a novas experiências confortando a vontade de fazer aquilo gosta e quer exercer o ofício de professor.

Palavras-chave: Jogos Geográficos, GeoCurtas e Ofício.

Introdução

No ano de 2018, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/geografia) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) iniciou um projeto na Escola Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos, localizada na Armação do Pântano do Sul, bairro ao sul da Ilha de Santa Catarina. O projeto aconteceu com os bolsistas do PIBID geografia, um grupo de seis pessoas que acompanhou as turmas de sexto e sétimo ano junto a professora de

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e Graduando em Bacharel em Geografia pela UDESC. Bolsista vinculado ao PIBID (2018/2019) e ao projeto GeoCurtas coordenado pela Profa. Dra. Ana Paula N. Chaves e Bolsista voluntário do Programa de Extensão "Bicho Geográfico: a extensão como dinamizadora do ensino e da pesquisa", coordenado pela Profa. Dra. Ana Maria H. Preve

geografia da escola, nos meses de setembro a dezembro. Debatendo elementos essenciais para a educação junto com a coordenadora do PIBID e a professora, fomos apresentados a dois projetos, dos quais destaca-se o projeto de jogos lúdicos adaptados com conteúdo de geografia.

O objetivo das atividades teve como foco, desenvolver esses dois projetos após a coordenadora do PIBID organizar as divisões dos grupos que acompanharam cada turma da escola Dilma, após esse período foi eleita o sétimo ano a turma direcionada essencialmente com essas atividades. Os três estudantes do PIBID que acompanharam a professora, conduziram no primeiro momento a produção dos jogos relacionando os estados do Brasil. No segundo momento o jogo produzido foi baseado no jogo de tabuleiro, relacionando as regiões do Brasil. Essa produção foi confeccionada pelos alunos e sendo auxiliados pelos os professores e os estudantes do PIBID. No terceiro momento foi finalizado com a produção do GeoCurtas, registrando toda a produção das atividades dos jogos geográficos nesses dois momentos, com fotos e filmagens da escola em formato de videodocumentário.

Oportunidade a ser explorada foram encontradas com as características de artesanato do fazer docente, o que nos fez refletir sobre aptidão que aprimoramos dia a dia, criar habilidades ainda não exploradas nesse ofício em que encontramos quando colocado em prática. Logo no primeiro encontro, os olhares, desconfiados, se voltaram para o que relataríamos para a professora e para eles. Como uma família, esses alunos se juntavam com aqueles que tinham afinidades, e se distanciavam daqueles com quem não simpatizavam. Alguns olhavam para nós parecendo pensar em uma forma de desviar atenção, e fazer com que aquilo que a professora estava explicando fosse menos proveitoso que jogar conversar fora. O que havia era uma interação sem conteúdo, e indagações com sentido individual.

Reflexões sobre o artesanato

Nas idas e vindas à escola, ficou marcado na fala da professora o seu “relato da experiência de ser professor”, constatando para eles a dificuldade de ser professora. Ela também explicava o porquê não tinha atividades de campo com essa turma, devidamente, contagiando a todos com suas emoções, exaltando seus desafios e frustrações. Por fim, falou da sua paixão que é a geografia e do orgulho de fazer parte desta profissão, sentimento que lhe fez afirmar



que, sim, “sou professora e amo o que faço”. (Diário de Campo, 05/10/2018) Com ouvidos atentos, sem sussurros e sem cochichos em sala, o silêncio que prevalece é reflexo de uma realidade que lhes machuca de certa forma. E por fazer parte do que um dia poderia não ser essa turma que direcionou sua voz

A partir desse relato, faz enaltecer o livro *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de ser professor* (2018), de Jorge Larrosa. Ao relembrar os relatos vivenciados na escola e compará-los com os apresentados no livro, eles se assemelham aos desafios que faziam parte do cotidiano e servia de reflexão para os leitores que apreciavam todas as páginas de uma forma e realidade diferente. Parar para refletir o ponto de vista de quem escreveu, é dar a ver o ponto de vista de quem lê a experiência do professor. Nesse sentido, a pergunta que emerge é: A reflexão para você leitor, qual ponto de vista surge?

Para os estudantes, não há mais um ponto de vista. Para eles, que estavam perplexos e esperavam apenas escutar, como em qualquer outro dia normal de aula expositiva, foi o erro e a supressa em apostar naquilo que estão acostumados – como muitos professores fazem ao desabafar nos ombros dos alunos – o que tornou a iniciativa algo novo. Fazer a diferença ao perceber que algumas palavras podem ser substituídas por atividades que eles mesmos produzem, passa a ser um desafio para eles.

Parando para compreender a iniciativa da professora com essa turma, fica a curiosidade do incentivo. Os estímulos para todos os que estão em processo de formação tenham a oportunidade de ler, debater, aprender, ensinar e se inspirar, uns com os outros, para nutrir-se. Nós, professores, somos inocentes em pensar que deixamos de aprender quando nos formamos. Não percebemos que nunca deixaremos de ser um estudante, que sempre aprendemos mais e mais. Esse seria o ofício de professor. Uma citação de Hannah Arendt (2000) transpassa todas as ideias sobre essa profissão. Um trecho muito bonito no qual ela fala sobre o amor ao ofício de ser professor:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tão pouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa

nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDR, 2000, p. 247).

Falar sobre o ofício de professor requer inúmeras interpretações. Um exercício constante é construir uma rotina que passa a ser indispensável, criar seu próprio material. Aqui, fica mais um questionamento: que material seria esse que o professor precisa? Para responder a essa pergunta, me coloco no exercício de pensar, citado por Larrosa (2018). Um material essencial para o professor seriam as palavras, mas não seria apenas o uso delas.

Para aquelas pessoas mais criteriosas que não dão valor ao verdadeiro ofício, é bom lembrar que o ser professor é umas das profissões mais antigas. Ser professor é ser artesão, modelar, transformar, da forma. Em um país no qual há tantos retrocessos para o ofício de professor como o Brasil, deixa-se em evidência o empobrecimento e uma mercantilização da educação em um mundo de ego. A escola deixa de ser um lugar de estudo, infelizmente, é uma realidade que vivemos. Os desafios diários desse ofício para quem está em processo de formação é encontrar aquilo que desperta o desejo de ensinar. É também se perguntar: será que me tornei professor, sem nunca ter sido estudante?

Ser professor é estar atento às coisas pequenas, ser sensível aos sinais do mundo, aos detalhes, as minúcias. É produzir algo através dos materiais e fazer de qualquer coisa uma aula. É trabalhar com as mãos, é transformar os alunos em estudantes. Como diz Maarten Simons (2013, p. 67), “ser professor é amar sua matéria e fazer com que todos tenham acesso a ela”. Esse é o processo artesanal do ofício de ser professor que ainda se mantêm. As ideias surgem, os materiais se constroem e o verbo “aprender” passa a existir, uma vez que, para quem estuda o tempo varia do finito para o infinito. Infinitos pensamentos, ideias, percepções. Transformando seres humanos em seres pensantes e, assim, alunos em estudantes.

Primeira experiência: Super Trunfo

Trilhando sobre seus pensamentos confusos e ideias ambiciosas, veio a calhar com o conteúdo que seria aplicado no terceiro bimestre, que era sobre as regiões brasileiras. Tendo



em vista que o livro didático trabalhava com muitas informações quantitativas, surgiu a ideia de trabalhar esse conteúdo baseado no jogo Super Trunfo².

O que tornaria um conteúdo de geografia em forma de jogo tão atrativo? Para responder, entende-se que o maior objetivo para aprender o conteúdo não parte da explicação do professor, mas sim da pesquisa e análises que o estudante, obrigatoriamente, tem que fazer para assim compreender do que se trata o assunto. Sendo assim, abrimos as possibilidades de “estudar brincando”, onde não houve uma pressão sobre eles, o que tornou o ambiente amistoso e agradável para todos. Desta forma, a ideia em conciliar estava, de certa maneira, fluindo com a interação entre os alunos, que perceberam que eles teriam que produzir um jogo.

Oportunidade essa que deu chance para eles imaginarem um mundo de possibilidades. Assim, no primeiro momento da aula, pedimos que eles criassem um jogo baseado em gostos peculiares de cada um. Logo no início, surgiram algumas ideias promissoras baseadas em jogos de RPG³. Jogos de fases com temática de cada região, podendo ser de luta, esporte e corridas, tabuleiros entre outros, ou também mais complexos com jogos de tiro, ficção, terror. Assim, deixamos que eles por um momento pensassem sobre o tema que queriam abordar.

Voltando a explicação sobre o jogo, foi passado todo o procedimento que eles teriam que fazer, iniciando por: 1) cortar em uma folha A4; 2) recorta-la em forma de cartas de baralho tradicional; 3) desenhar a bandeira de todos os Estados, incluindo o Distrito Federal, 4) informar nome, área, população, Produto Interno Bruto (PIB) e, 5) colocar os valores que estavam escrito no livro em que estavam trabalhando.

Esse jogo foi todo desenvolvido pelos os alunos. Uma vez que, deu certo o andamento dessa atividade, foi feita uma análise mais aprofundada se essa nova metodologia estava mais eficaz do que a aula expositiva. Ao decidirmos dar continuidade em uma nova atividade, o grupo apostou em conciliar este com outro jogo.

² Regras do jogo Super Trunfo tem como objetivo ganhar todas as cartas do bralho. O jogo baseia-se na comparação dos valores de sua carta com a dos outros jogadores. Para sua carta vencer, a característica escolhida precisa ter valor maior ou menor (em alguns casos) do que a carta dos seus adversários. Quando sua carta vence, você ganha a carta dos seus adversários e a próxima carta de sua pilha aparece para uma nova jogada. disponível: <http://www.gametrack.com.br/jogos/cancan/instrucoes/supertrunfo.asp>

³ RPG é a sigla em inglês para Role Playing Game, que pode ser traduzido como jogo de interpretação ou de representação de personagens. Disponível: <https://www.daemon.com.br/home/o-que-e-rpg/>

O trabalho nesse semestre foi intenso. Todos os dias, no mesmo horário, com pouco desfalque de estudantes durante esse período. Mas do que apostar no despertar do interesse, que pode ou não ser retribuído, o envolvimento dos alunos é uma prova de que o professor cria podendo ter sucesso em um dia, na expectativa de que tenha no outro também. Todo o esforço diário, enfrentando todas as contradições, torna essa luta uma mistura de amor e dor por uma rotina talvez até ingrata por todo esse aglomerado de sentimentos encontrados em uma sala de aula.

Segunda experiência: Jogo de tabuleiro, adivinhe qual região eu sou?

A segunda experiência de atividade baseada em um jogo, foi realizada pela continuidade do conteúdo trabalhado no quarto bimestre, sobre as caracterizações físicas das regiões do Brasil, sua vegetação, relevo, clima e economia, abordando todo o conteúdo ministrado durante o ano. Dessa forma, foi pensando em trabalhar uma revisão sobre isso em forma de perguntas para que eles pudessem associar características específicas de cada região. Espelhando sobre essa temática, foi pensando criar um tabuleiro no formato do mapa do Brasil, lembrando as cartas do Super Trunfo, desta vez um formato maior que seria destinado às perguntas que os alunos teriam que escrever para associar a alguma região.

A execução dessa atividade de forma artesanal, foi nos surpreendendo ao vermos o desenvolvimento dos alunos. Ao receberem o pano, um papel com as dimensões impressas, um papel grafite, tintas guaxe e pincéis, a motivação e o entusiasmo demonstrado pela professora cativavam os alunos e os incentivava a poderem fazer outro jogo, que fosse realizado por eles. Partindo desse momento, um simples pano um pouco maior do que uma folha A3, foi, então que alguns dos alunos tiveram contato com a primeira experiência contornar as dimensões do Brasil. em cima do papel grafite que estava sobre o pano.

Foi então que o inesperado ocorreu. Sem entender como e o porquê o pano ficou marcado, uma vez que eles tinham contornado com caneta azul sobre o papel e a marca era da cor cinza no pano bege, nesse momento os alunos ficaram abismado, atônitos, espantados. Entretanto todos ficaram maravilhados por ver acontecer o que consideraram como uma



pequena mágica, algo que até aquele momento não sabiam responder o porquê de aquilo acontecer.

Em uma explicação simples ao mostrar o papel grafite, deu brechas para brincadeira, que se tornaram tumultos na sala até o ponto de elevar os sentimentos a flor da pele. Foi preciso conter alguns alunos que estavam mais afoitos, que costumam se fechar ao ser chamado sua atenção, perdendo a vontade de produzir, de estudar, brincar e até mesmo conversar. Ao deparar-se com essa situação, a professora decidiu, ela mesma, organizar os grupos, separando os que comumente costumam fazer trabalhos em grupos, e que se dividem por afinidade. Para alguns, estar em um grupo que não são tão próximos despertou um incomodo, o que ficou evidente para dois alunos em específico.

Obtendo mais informações sobre o histórico desses alunos, foi possível perceber o quanto a escola oferecia alegrias momentâneas, seja dentro e fora da sala de aula. Ocasões que, quando conversado com esses alunos, os fazem gostar mais de estar na escola do que em casa. Em momentos de encontro não planejados fora da escola, eles emitiam olhares tristonhos, alavancando a pergunta: Será que percebemos o quanto é importante para o aluno esse bem de estar na escola? Pode ser uma realidade com a ignorância e a pobreza encontradas em suas casas ou algo que fogem da realidade de nossos olhos de professores, mas encontramos neles os sentimentos solitários, como se pudéssemos estender a mão, para que não fechasse sobre si mesmos.

Retomando a execução da atividade, os grupos confeccionaram o tabuleiro pintando cada região de uma cor com as tintas guaxes em uma cartolina comprida. Foram feitas as trintas cartas que seriam divididas nas cinco regiões, com seis perguntas sobre cada região. No decorrer das aulas, semana após semana, a rotina foi afetada coincidentemente pelos feriados nacionais e pelos conselhos de classes que foram marcados no dia da semana que tinha aula dupla de geografia. Por esses motivos, infelizmente essa atividade ficou incompleta, pois o semestre se encerraria logo após o término dessa atividade. Entretanto, a professora avaliou o desenvolvimento e o comprometimento pelo que foi feito por cada grupo e aluno, encerrando assim as notas, e todo esse esforço seria recompensado na mostra-cultural que é o momento onde são expostos todos os trabalhos de cada turma no ano.

Vale ressaltar que a escola Dilma tem uma peculiaridade sobre as salas de aula. Cada disciplina tem sua sala temática e, em especial, a de geografia tem mapas, globos, rosas dos ventos, sistemas solares, deixando aquele lugar realmente especial e geográfico. Um mundo de curiosidades a ser visto, ensinado e aprendido aos olhos de quem lê.

Descrever um pouco sobre como é a sala deixa aos olhos do leitor uma sala que conforta os alunos pela atmosfera que ela cria. Mas pouco há sobre a geografia em do bairro que a escola está localizada. E por que isso seria relevante? Pois, como acreditamos, existe a história do lugar e ela está intrínseca na geografia espacial. Algo que há de ser exaltada pela beleza e exuberância desse pequeno lugar conhecido como Armação do Pântano do Sul.

Entre morros, rios, lagoas e uma vegetação de mata atlântica sem igual, surgem nesse pequeno e encantado pedaço de terra habitações, residências que se instalaram neste recortado litoral do sul da Ilha de Santa Catarina. Tal local que teve grande influência econômica, e difusora dos desenvolvimentos do sul da Ilha, a pesca da baleia e as grandes armações foi estrategicamente montada e construída para a produção com suas iguarias a ser feitas e vendidas com o óleo para iluminação, carne para alimentação e seus ossos para construção civil.

Explorando essa paisagem que se teve a ideia de que poderiam reproduzir outros jogos dos próprios bairros em que moram. Os alunos, todos moradores da região, indicaram que poderiam falar sobre as praias e fazer características como fizeram em cada região. O ápice da ideia que pode ser reproduzida em breve, colocando sobre as histórias e aspectos físicos de cada lugar. Assim, segue contagiando ideias e alimentando imaginações, o que para os estudantes é seu bem mais precioso.

GeoCurtas: Captando pelas lentes dos olhos e da câmera os movimentos visíveis e invisíveis na Escola.

Falar sobre a produção do GeoCurtas é relembrar dos planejamentos feito no início do semestre, quando a coordenadora do PIBID geografia da UDESC, tinha como meta retomar o projeto de GeoCurtas. O GeoCurtas é um projeto voltado a fazer pequenos curtas sobre



experiência e práticas geográficas dentro e fora da sala de aula. Inovador por ser sintetizador de todos os trabalhos produzidos, podendo haver várias formas de reprodução, tipos de filmagens, essa liberdade de produção de curtas foi proposto através de minicursos sobre cinematografia e documentários, dando todo suporte e embasamento para a produção e criação desses curtas.

O GeoCurtas feito sobre a turma, teve como temática os movimentos escolares invisíveis. O que torna invisível um lugar que é habitado por pessoas diariamente e as próprias pessoas não percebem seus movimentos? Foi pensado nisso que foi feita a filmagem, como se fosse a visão do aluno e professor chegando na escola, atravessando grades dos portões que separa dois mundos. Ao entrar e trilhar caminhos que todos eles percorrem, os passos levam a um lugar só: a sala de aula.

Como dito antes, por ser uma temática que faz entrar em um novo mundo que só quem conhece sabe o que é, estar dentro é desfrutar todas as experiências, experimentar o aconchego dessa sala, apreciar o bem-estar de aprender algo novo todos os dias. Em reprise do que foi trabalhado no grupo de estudos do PIBID, feitos semanalmente, foram analisados textos reflexivos sobre as diferentes linguagens das imagens. Colocamos em destaque tal impactos, moldando percepções, ideias, opiniões daquilo que é excessivamente divulgado pelos grandes meios de comunicação, além do que são enfatizados e romantizados, mostrando um lado que é belo, desenvolvidos, paisagens ou características de lugares que comumente não são mostradas outras realidades.

Tal realidade de que há problemas a serem divulgados e que há problemas sociais, mesmo em cidades de países desenvolvidos retratados em livros didáticos, onde o aluno tem um primeiro contato com um item, que é repleto de informações que são consumidas em uma mente de uma criança que está desenvolvendo sua visão de mundo. Analisar sobre o que a imagem representa e o que a mensagem transmite, é a base da produção do GeoCurtas que foi colocado em prática, mostrando o inimaginável que é possível, e conciliando diferentes tipos de jogos com a geografia.

Em sua produção foram utilizadas câmera de smartphones dos próprios bolsistas. Entre filmagens e fotos, foram feitas edições com trilha sonora de início com a música de Luiz Gonzaga – “Vida de um viajante”. No desenvolvimento do vídeo houve uma pausa para a

explicação da professora, relatando o surgimento dessa ideia dos jogos lúdicos de geografia e como foi planejada para ser realizada.

Como trilha sonora de fundo foi colocada uma música ambiente para retomar e dar ênfase na filmagem, que foi realizada com a câmera parada, registrando o final da aula, capturando os movimentos invisíveis que mostram diversos fluxos de pessoas em um único ângulo, algo surpreendente de ser ver. Finalizando com Waldir Azevedo – “Brasileirinho”, aos olhos de quem volta a atravessar as grades que separa os dois mundos, mas em direção a realidade acelerada da sociedade sendo bem representada pelo ritmo da música, mesclando imagens, vídeos, sons e seus ritmos, dá-se origem ao produto final de mais do que um projeto. Uma proposta sólida que ensina, inspira, transforma e desenvolve.

Considerações finais

A Universidade é um mundo de oportunidades, programas, extensões. Uma delas, o PIBID, é um dos poucos que faz o graduando se soltar das amarras e deixar de ser “fantoche”, nesse momento de atuação docente. Como um bebê que começa a dar seus primeiros passos, pois ao iniciar cria-se rotinas, objetivos e metas que por meses sendo orientado com leituras e atividades, seus processos que desencadearam atividades formidáveis, com todo enriquecimento de experiências vividas e particularmente despertadas nesse processo de criação.

Em um futuro essa bagagem nos dá oportunidade de sempre retirar e colocar mais conteúdo para levar conosco. Nesses momentos de reflexão cria-se uma retrospectiva mental, como a produção de um pequeno GeoCurtas em nossas mentes, que todos nós estamos dispostos a criar após essa leitura. Os professores que acompanham ano a ano, desenvolvendo e educando, tem como privilégio ensinar as diferentes visões de mundo, a primeira etapa para visualizar as desigualdades, pois com toda certeza ela aprendeu nos pequenos núcleos em que habita, seja na residência e escola, que lapidam informações de falsas realidades existentes no globo.

Professores-artesãos e professoras-artesãs, modeladores e modeladoras de ideias, que dominam a arte de ensinar, que criam possibilidades de aprender, são seres poderosos que



enfrentam as adversidades da vida. Planejando uma aula, nesses momentos que vivem não há lugar definido para criação. Todo e qualquer lugar pode despertar algo, seja dentro de um ônibus em pleno engarrafamento, em sua residência ao lado de um canteiro obras até em hospitais enquanto espera ser atendido por estar doente. O ofício de ser professor está na forma como olhamos o mundo e interagimos com ele. Como nos diz Jorge Larrosa sobre a maestria:

A obra do artesão, seu ofício, mostra sua maestria, ou seja, ao saber incorporado, encarnado em seu mesmo corpo. E isso da artesanaria, do modo artesão de encarar o ofício, se converteu em algo já anacrônico e obsoleto numa época em que a universidade concebe seu próprio funcionamento ao modo industrial ou pós-industrial. (LARROSA, p. 319, 2018)

São mentes ligadas e interligadas no que proporcionam alegria e desejo de ensinar, e para quem observa sua maestria, seus gestos e a mágica em desperta a vontade de aprender dos estudantes tendo a satisfação como recompensa. Um bem imaterial de grande valor e que ainda alimenta, enriquece corpo e deixa a mente sã, pois este caminho que trilhado é o lado certo desta história.



Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5a. Ed. São Paulo: Perspectiva. 1979. pp. 28-42 (Prefácio "A quebra entre o Passado e o Futuro").

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: Sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.